

# NAS CORES DOS DESENHOS, AS TRAVESSIAS (NÃO TRAVESSURAS) DAS CRIANÇAS MARANHENSES

*Maria Aparecida de Moraes Silva\**

*É na práxis que o ser humano tem de comprovar a verdade, isto é, a realidade e o poder, o caráter terreno do seu pensamento. A disputa sobre a realidade ou não realidade de um pensamento que se isola da práxis é uma questão puramente escolástica (Tese II). Os filósofos têm apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes; a questão, porém, é transformá-lo (Tese XI). Karl Marx (2002)*

## 1 Palavras necessárias

Em 1987, durante a realização de uma de minhas pesquisas sobre trabalhadores rurais na região de Ribeirão Preto/SP, estabeleci os primeiros contatos com a Pastoral dos Migrantes em Dobrada/SP, que havia sido criada em 1985. No entanto, desde 1983, os missionários já estavam presentes nessa cidade, além de outros agentes pastorais da CPT, dentre eles, o padre Bragheto. Desde então, os contatos se multiplicaram por meio de diálogos, trocas de informações, participação e organização de eventos, pesquisas e muitas outras formas de colaboração. Durante esse tempo, vi passar por Dobrada e, mais tarde, Guariba (hoje sede da Pastoral), muitos agentes - padres, freiras, além de leigos - que realizaram um trabalho importantíssimo em favor dos Migrantes Sazonais, provenientes de várias regiões do país, sobretudo daquelas mais pobres, para o trabalho nos canaviais, cafezais e laranjais paulistas.

As práticas dos Missionários/as se caracterizaram pela produção de um conhecimento ligado ao fazer cotidiano junto aos migrantes. Sempre lutaram em defesa dos direitos da população excluída de direitos e cidadania. Enfrentaram duros embates com os poderosos, com os donos de grandes usinas e fazendas; percorreram alojamentos, pensões de migrantes espalhados pelas imensas áreas de cana do interior paulista. Muitas vezes, enfrentaram ameaças advindas dos representantes dos proprietários. Em muitas outras ocasiões, saíram em defesa dos migrantes escravizados, por meio de denúncias à Promotoria Pública. Percorrendo alojamentos no meio dos canaviais e barracos nas periferias das cidades dormitórios, foram semeando palavras e ações, cujos frutos, em muito, contribuíram para a luta contra a superexploração, que levou à morte mais de duas dezenas de trabalhadores por exaustão, a partir de 2002.

---

\* Prof<sup>a</sup>. Dra. de Sociologia (UFSCAR)

Por outro lado, desenvolvem também o trabalho de conscientização nos locais de origem dos migrantes. Procuram acompanhar a saga de milhares de homens, mulheres e crianças que, todos os anos, deixam seus lares e partem em busca de trabalho, esperança e utopias. O Boletim **Cá e Lá**, publicação da Pastoral do Migrante, reflete o acompanhamento da caminhada dos migrantes, do vaivém que é permanentemente temporário ao longo dos anos.

Na condição de professora e pesquisadora, aprendi e continuo aprendendo com a práxis da Pastoral, baseada no conhecimento e no respeito ao humano. Práxis que não se traduz pela imposição de ideias àqueles, supostamente, considerados ignorantes e não portadores de consciência política ou religiosa. Porém, práxis construída a partir das necessidades, valores e desejos dos sujeitos envolvidos no processo de migração. Práxis libertadora, cuja matéria-prima é a experiência de cada um.

No final do mês de abril de 2007, participei em São Raimundo Nonato/PI, de um Encontro das Pastorais de origem e de destino dos migrantes temporários que trabalham na safra de cana em vários estados do país. De lá, segui para Timbiras/MA, de onde saíam milhares de migrantes para o corte de cana na região de “Ribeirão” Preto/SP, bem como outras. Meu objetivo era a realização de uma pesquisa com as mulheres que lá permaneciam, enquanto seus maridos/irmãos/pais, enfim, parentes, partiam. Segundo estimativas, naquele ano de 2007, saíram de Timbiras mais de sete mil pessoas para o interior de São Paulo. Tive oportunidade de obter muitas informações, depoimentos, além de produzir um acervo fotográfico e colher 51 desenhos realizados por crianças sobre a representação de suas famílias e de “Ribeirão”.

Chamou-me a atenção, desde o início da pesquisa, que as pessoas de lá se referiam a “Ribeirão”, (distante mais de 3000 km) como sendo todo o estado de São Paulo para onde se destinavam seus parentes e conhecidos. Ademais, elas pareciam ter uma grande familiaridade ao mencionarem esse local. Em virtude desse fato, tive a ideia de pedir às crianças das primeiras séries do ensino fundamental que desenhassem suas respectivas famílias e “Ribeirão”<sup>1</sup>.

Em Ribeirão Preto, naquele mês de maio, houve, tal como nos anos anteriores, a feira da Agrishow, cujas expectativas em relação aos negócios superaram a casa dos R\$ 700 milhões, segundo notícias veiculadas pela imprensa. Milhares de visitantes ilustres do país e do exterior estavam sendo esperados. Seguramente, a grande maioria não viu os vultos dos cortadores enegrecidos pela fuligem da cana queimada, durante suas passagens pelas rodovias das cercanias do local da feira. Tampouco, souberam que a grande maioria destes homens veio de muito longe; que deixaram para trás suas famílias, suas crianças ainda pequenas, seus vizinhos, seu mundo; que partiram em busca de dinheiro para a garantia de sua sobrevivência e também de suas famílias. Também não souberam que até aquele ano, 19 deles morreram no meio desses canaviais e que, segundo o relatório do Ministério do Trabalho, 450 morreram em acidentes de trabalho no ano de 2005. Não souberam que muitos vinham e voltavam por não terem condições

de saúde para cortar de 12 a 15 toneladas de cana ao dia (exigência), recebendo, então, apenas R\$ 2,50 por tonelada. Não souberam que suas moradias eram verdadeiros barracos, tais como desenhados pelas crianças. Não souberam que a vida útil de um cortador de cana não ultrapassava os 12 anos. Não souberam que após este período, não recebiam seguro desemprego, não seriam afastados pelo INSS, não receberiam aposentadoria. Não souberam que as mães, filhas, esposas que ficaram aguardavam, ao lado dos telefones públicos (orelhões) em suas cidades, aos domingos, o momento de ouvirem as vozes dos que partiram. Não souberam que estas mulheres eram chamadas “viúvas de maridos vivos”. Não souberam que muitas delas acabavam se adoecendo em razão da angústia, do medo de perderem seus entes queridos. Não souberam que muitas delas conviviam com a melancolia, doença da alma.

Havia, diante de meus pensamentos naquele maio de 2007, dois quadros: o da feira, com seus ilustres visitantes e o poder estampado nas grandes máquinas; e o dos desenhos das crianças de Timbiras. Um reflete o colorido da riqueza e do poder. O outro, o ônibus transportando rostos tristes e pintados em preto, dirigindo-se aos barracos, com pés de cana ao lado. Duas imagens cobrindo o mesmo espaço-tempo. Dois mundos separados e unidos, distantes e próximos, coloridos e enegrecidos. Na primeira imagem, vejo as figuras ricas e saudáveis traduzidas pelas lentes dos fotógrafos da grande imprensa escrita e televisiva. Na segunda, vejo o silêncio das vozes das crianças traduzidas no papel pelo ônibus em movimento, pela cana, que se assemelha ao milho, pelo sol entristecido pintado de amarelo, pela figura do pai ou parente que foi embora no meio do canavial.

Diante desses dois quadros, senti uma profunda revolta moral que só se dissipou quando outra imagem tomou conta de meu pensamento naquele momento: a alegria das crianças ao receberem os “lápiz de coleção” para desenharem suas famílias e “Ribeirão”.

## **2 Trazendo as crianças para o palco**

Por meio dos desenhos, as crianças revelaram as visões dos dois mundos em que viviam. O de Timbiras, no meio do “Brasil profundo”, e o de “Ribeirão”, símbolo da riqueza advinda das commodities, considerada a capital mundial do etanol.

A primeira coleta<sup>2</sup> ocorreu nos meses de março e abril de 2007, quando foi realizada a pesquisa empírica em dois bairros periféricos da cidade de Timbiras, localizada na chamada região dos cocais maranhenses. A segunda coleta ocorreu em Guariba no mês de outubro. A cidade de Timbiras é conhecida como “cidade das mulheres”, em razão do grande número de migrantes do sexo masculino que se destina, sobretudo, ao corte da cana no estado de São Paulo. Uma das indagações da pesquisa dizia respeito ao trabalho e à vida destas mulheres, que

ficavam separadas de seus maridos ou filhos, durante nove meses ao ano. Aos poucos, foram emergindo novas questões investigativas, a saber: muitas mulheres migravam com seus maridos, filhos ou netos; outras, sobretudo as avós, encarregavam-se do cuidado dos netos enquanto suas filhas e noras partiam. As crianças, aos poucos, foram aparecendo neste universo migratório, quer seja por meio do trabalho com as mães e ou avós, quer seja acompanhando a família para as regiões canavieiras do estado de São Paulo. Os temas propostos para os desenhos foram a família de pertencimento e “Ribeirão”, como já mencionado acima. Todas as crianças que participaram dessa atividade, jamais estiveram em qualquer lugar do estado de São Paulo. Esse dado é muito importante, tendo em vista que os desenhos sobre “Ribeirão” eram resultantes de suas representações, baseadas nos relatos de seus pais e ou parentes migrantes, enfim, de suas vivências.

Antes de adentrar a discussão da metodologia dos desenhos das crianças, serão apresentadas algumas considerações sobre o contexto social dessas migrações. Desde os finais do século XIX, com o avanço da cafeicultura, o interior do estado de São Paulo passou a receber força de trabalho proveniente de outros países e também dos estados do nordeste. Muitos estudos referentes a este período histórico focam a imigração estrangeira e minimizam as migrações internas dos chamados trabalhadores nacionais nas fazendas de café paulistas. A partir de meados do século passado com o declínio da atividade cafeeira, surgem as grandes usinas de açúcar e álcool, na macrorregião de “Ribeirão” Preto, demandantes de grande quantidade de mão de obra. Além dos trabalhadores locais, migrantes provenientes do norte de Minas Gerais e dos estados do nordeste, passaram a definir o conjunto das migrações temporárias, uma vez que a grande maioria era empregada apenas nos períodos da colheita da cana e outros produtos agrícolas como o café e laranja (SILVA, 1991; 1999). Nos finais da década de 1990, com o aumento das áreas de cana em função da produção do etanol, houve uma mudança da cartografia migratória para esta região, por meio da vinda de trabalhadores provenientes do Maranhão e do Piauí. Em outro trabalho (SILVA, 2008) foram analisadas as causas da migração de trabalhadores destes dois estados, relacionadas ao avanço da sojicultura e pecuária, atividades empreendidas por grandes empresas responsáveis pelo processo de expropriação dos camponeses - moradores, posseiros, foreiros. Muitos deles passaram a viver nas periferias das cidades, “as ruas”, sem condições de trabalho e, portanto, de sobrevivência. A única alternativa foi migrar para outras áreas do estado (carvoarias, garimpo) ou para os canaviais de “Ribeirão” Preto. Portanto, ocorreu aí o que HARVEY (2010) definiu como acumulação por espoliação, um conceito redefinido, a partir das discussões teóricas de Marx e Rosa Luxemburgo, sobre o processo de acumulação primitiva. Vale destacar a violência que acompanhou esse processo de expropriação dos camponeses: mortes, emboscadas, queima de roças, animais e casas por jagunços a mando de grileiros e empresários. Foram analisados alguns processos movidos pelos camponeses onde tais

métodos foram comprovados. Tais práticas foram e continuam sendo comuns em várias regiões do país. A Foto 1 mostra a exuberância do coco babaçu e a Foto 2 evidencia o resultado da prática do fogo. Sendo a palmeira muito alta (até 20 metros de altura), o fogo não consegue atingir seu cume, resultando num processo de morte lenta.

Foto 1



Timbiras, 2007. Palmeira babaçu. Foto: Maria Moraes

Foto 2



Timbiras, 2007. Palmeira após ser queimada. Foto: Maria Moraes

A vinda para os canaviais paulistas se configura como *migração permanentemente temporária*, tendo em vista que, após o término da colheita, os trabalhadores são dispensados podendo ou não regressar para a próxima safra. Muitos regressam aos locais de origem e aguardam a possibilidade de serem contratados, enquanto outros buscam novas oportunidades de trabalho em outras regiões do país. Portanto, trata-se de pessoas que circulam permanentemente em busca de atividades temporárias.

Essas breves considerações são necessárias à compreensão do universo social dos que ficam e dos que partem. Como foi dito acima, o intuito era captar, além das vozes dos adultos, as das crianças envolvidas nesse processo migratório<sup>3</sup>. Ouvir as vozes das crianças, geralmente, alijadas da análise sociológica, em geral adultocêntrica, é um desafio para a compreensão da realidade social. Esse desafio fora enfrentado por nós em outro trabalho, ocasião em que analisamos desenhos de crianças, filhas de trabalhadores rurais residentes em uma cidade canavieira do estado de São Paulo (SILVA, et al, 2007), como já mencionado. Nossas interpretações seguem as orientações de vários autores (FREITAG, 1984; DEMARTINI, 2002; GOBBI, 2002; GUSMÃO, 1996, 2003; KOSMINSKY, 1998; LEITE, 1993).

Consideramos as crianças como sujeitos sociais, que possuem outras formas de expressão, sendo o *desenho*, uma delas. Acreditamos, assim, que algumas lições podem ser tiradas destas vozes. A realidade migratória é sentida tanto pelos/as que partem como pelos/as que ficam. Os espaços de origem e de destino, distantes em milhares de quilômetros, são unidos pelo tempo que, embora cindidos pelas imposições das estruturas sociais, acabam por transformar-se num só, tanto para quem parte quanto para quem fica. Assim, os que ficam têm seus cotidianos marcados pela espera dos que partem e estes, por suas vezes, somente suportam as durezas do trabalho porque esperam pela volta, pelo retorno. Como foi dito acima, as crianças não estão ausentes desse processo. Ou elas estão nos locais de origem ou elas partem com suas respectivas famílias. A questão investigativa é permitir que essas vozes, ainda que sussurradas, cheguem à superfície. Como elas veem a partida, como elas sentem a ausência do pai e/ou da mãe, como elas imaginam “Ribeirão”, assim chamada a região de destino dos que partem.

A leitura do conteúdo dos desenhos das crianças revela uma imagem bem diferente daquela propalada pela ideologia do chamado agronegócio. Em vez da riqueza, da pujança das máquinas e da tecnologia expostas nas vitrines da Agrishow, dos bilhões de litros de etanol, dos milhões de sacas de açúcar, os cenários eram outros, quais sejam: a cana desenhada, em alguns casos, como o pé de milho; a estrada com traços bem fortes em preto, simbolizando o asfalto; o ônibus com rostos tristes às suas janelas; os cortadores, no meio da cana, com os facões pintados em cor preta. Aparecem em muitos desenhos os barracos (assim denominados pelas crianças), locais de moradia em “Ribeirão”. Às vezes, figuras, também pintadas em preto, estão no interior dos barracos. Em muitos desenhos, os pés de cana estão ao lado dos barracos.

Uma primeira análise dos desenhos pode indicar alguns pontos: a cor preta, em vez da utilização de outras cores, revela o aspecto sombrio das cenas e do cenário onde atuam os migrantes. A natureza (sol, lua, nuvens, pássaros, borboletas), geralmente presente nos desenhos infantis, aqui está ausente. Num desenho, os “olhos do sol” são tristes, parecem chorar. A cana não representa a natureza, ela é a planta capital. O fato das canas estarem ao lado dos barracos é um indicador da realidade dos trabalhadores, pois suas moradias se situam, ou no interior dos canaviais (os alojamentos), ou nas periferias das cidades pequenas da região, cercadas pelos canaviais. O ônibus tem um significado muito forte, pois é o meio de transporte que conduz os trabalhadores até os locais de trabalho. Também, é por meio dele que as crianças assistem à partida de seus parentes para uma viagem cuja duração é em torno de oito a nove meses ao ano. Talvez, seja esta a razão deles ocuparem boa parte do espaço da folha de papel. Em outros desenhos, nota-se também que as canas estão desenhadas ao lado de suas próprias casas, portanto no mesmo espaço.

Tomou-se o cuidado para se afastar de uma abordagem psíquico-pedagógica que visasse tão-somente os aspectos do desenvolvimento cognitivo da criança, descontextualizado de seu ambiente social. Do mesmo modo, buscou-se não cair na abordagem universalizante da teoria piagetiana. Esta, segundo alguns críticos, teria transformado o processo de construção das estruturas cognitivas, como ele ocorre no Ocidente, num paradigma para o desenvolvimento psíquico de todas as crianças, segundo FREITAG (1984, p. 75). Contudo, evitou-se cair nas armadilhas do relativismo cultural, segundo o qual cada cultura possui seus esquemas cognitivos específicos, posição esta que pode conduzir ao etnocentrismo. As diferenças culturais e socioeconômicas são as que exercem maior importância no processo cognitivo da criança.

Nos limites deste artigo não é possível uma análise do conteúdo latente individual de todos os desenhos, cujas representações são muito ricas à compreensão dessa realidade, bem como seus efeitos sobre o processo migratório do qual as crianças fazem parte. Todavia, serão tecidas algumas reflexões levando-se em conta os dois processos concomitantes – sociogênese e psicogênese - dessa realidade social, priorizando as representações das crianças contidas nos desenhos. Reiteramos a preocupação em captar as relações entre estrutura e sujeitos *vis-à-vis* a dinâmica histórico-social. Os autores seguintes fornecem subsídios importantes a esta perspectiva analítica.

Ao definir o processo civilizatório, ELIAS (1990) argumenta que a ação civilizadora não acontece na esfera das ideias ou da ideologia tão-somente. Ao contrário, as transformações atingem toda a constituição humana, incluindo a psique.

O que é determinante numa pessoa (...) não é só um “*id*” nem só um “*ego*” ou um “*superego*”, mas sempre e fundamentalmente a relação entre esses estratos

funcionais de autocomando psíquico, os quais em parte se degladiam e em parte cooperam uns com os outros (ELIAS: 1990, p. 230).

Mais adiante, o autor afirma:

(...) para entender e explicar o processo civilizacional é necessário examinar (...) tanto a transformação das estruturas psíquicas como a das estruturas sociais. É uma tarefa que exige, num âmbito mais restrito, uma investigação psicogenética com o objetivo de compreender todo o campo de ação e de conflito das energias psíquicas individuais, a estrutura e a forma do autocomando mais instintivo, tanto quanto o do mais consciente. Num âmbito mais alargado, é necessário um estudo sociogenético, uma investigação de toda a estrutura de um certo campo social e da ordem histórica em que se processa a sua transformação (ELIAS: 1990, p.231).

As reflexões eliasianas fornecem pistas importantes à análise das representações das crianças sobre o processo migratório do qual fazem parte. Desde a mais tenra idade, elas passam a conviver com a separação dos pais, com a partida deles para um lugar distante, com o sofrimento vivenciado pelas pessoas que ficam à espera de notícias e do dinheiro enviado, sem o qual a sobrevivência seria ainda mais precária. Praticamente, todos os depoentes afirmaram que migram visando garantir o sustento dos filhos e um futuro melhor para eles, além de conseguirem comprar uma casa. Portanto, as crianças são socializadas para aceitar a migração dos pais como algo necessário em suas trajetórias de vida. Assim sendo, aos poucos, vai ocorrendo o processo de amoldamento psíquico concomitante às transformações sociais. Torna-se evidente que este não é um processo pacífico. Ademais do sofrimento dos adultos, causado pela separação da família, as crianças também a sofrem, quer por meio do pranto no momento da partida dos ônibus clandestinos que transportam os trabalhadores - momento dramático vivenciado por todos -, quer por meio de mudanças de comportamento na escola ou em casa, segundo vários relatos de professoras e mulheres responsáveis pelo cuidado das crianças - avós, madrinhas, mães, vizinhas, tias.

Após os contatos iniciais, foram distribuídas a cada criança uma folha de papel sulfite e uma caixa de lápis de 12 cores<sup>4</sup>. Solicitamos-lhes que desenhassem de um lado da folha as respectivas famílias e do outro lado, “Ribeirão”. Assim que os desenhos iam sendo coletados, as crianças faziam a *leitura* dos mesmos, cujos



conteúdos eram anotados pelas pesquisadoras nas *fichas*. Estas *fichas* contêm as seguintes informações: nome da criança, idade, etnia, ocupação dos pais, nomes e papéis das pessoas representadas nos desenhos, além de informações coligidas pelas entrevistas com os demais informantes e das observações acerca do comportamento da criança durante a atividade. As interpretações dos desenhos podem ser analisadas segundo os conteúdos expresso e latente. O primeiro se baseia na *leitura* do desenho feito pela criança. O conhecimento do conteúdo latente é baseado no contexto social da criança.

A combinação das diversas técnicas de pesquisa descritas acima foi um instrumento importante à análise dos desenhos no contexto da realidade social das crianças *vis-à-vis* a leitura dos conteúdos - manifesto e latente -, por meio das entrevistas com as mães, avós, professoras e também da observação direta realizada durante a pesquisa.

No que tange aos desenhos das famílias, o conteúdo manifesto revela as seguintes características: as pessoas da família incluem não somente os membros nucleares como também os avós, os tios, os primos e, até mesmo, os vizinhos. Trata-se de famílias estendidas, independentemente dos fatores consanguíneos. Para as crianças, as variáveis mais importantes eram as relações de proximidade e afeto. Em alguns desenhos não aparecem os pais e nem as mães. As casas são desenhadas em cores fortes como azul, verde, vermelho, amarelo. As pessoas, ora aparecem fora da casa, ora no seu interior. O cenário inclui árvores, plantas, flores, a palmeira do coco babaçu, enfim, a natureza que circunda o mundo infantil. Muitas crianças desenharam os dois espaços - Timbiras e “Ribeirão” - no mesmo espaço da folha, este último sendo representado pelo ônibus ou pela cana. Outras desenharam a casa com os familiares. As imagens dos pais migrantes foram desenhadas no verso da folha, ao lado dos *barracos* em “Ribeirão”. Alguns desenhos mostram apenas a casa e as pessoas que estão em “Ribeirão” foram apagadas à borracha. Fica muito clara, em vários desenhos, a separação espacial dos membros da família. Os que estão em “Ribeirão” sempre aparecem com o rosto triste, no interior dos barracos ou no meio das canas. Em alguns, somente aparecem as casas, sem as pessoas, tanto num espaço quanto noutro.

No tocante às crianças que estavam com os pais em Guariba, as representações sobre este espaço não incluem a cana, o ônibus e a estrada. Aparecem apenas os barracos e as pessoas. Na maioria dos desenhos sobre o Maranhão aparecem as próprias crianças e as pessoas que estão em Guariba. Este dado é um indicador da não separação dos membros da família (nuclear ou estendida) sob a ótica das representações infantis. O local de origem aparece como o lugar da família que migrou. Apenas algumas crianças pintaram a casa e as pessoas que lá ficaram como os tios e avós. Em outros desenhos, a casa no Maranhão aparece no centro da folha, ladeada à direita pelos adultos e à esquerda pelas crianças. Este é outro indicador da separação dos membros da família, elemento constituinte desta experiência migratória que atinge milhares de pessoas da cidade de Timbiras<sup>5</sup>.

Foto 3



Momento da partida dos migrantes em ônibus clandestinos. Timbiras, 2007. Foto: Maria Moraes

Ao analisar a obra de Charles Baudelaire, BENJAMIN (1994, p. 125) estabelece uma relação entre a análise marxiana da produção industrial coisificada, uniforme e as críticas feitas à multidão nas ruas das grandes cidades por Edgard Poe. Para Poe, um dos traços da multidão é a uniformidade manifesta na indumentária, no comportamento e nos gestos. Para esse escritor, todo o trabalho com a máquina exige um adestramento prévio do operário.

No que tange às crianças, o processo migratório dos pais exerce um papel fundamental na constituição da estrutura de sentimentos. Em muitas entrevistas com as mães, ficou evidente que a ausência dos pais por longos períodos causa um distanciamento afetivo nas relações deles com os filhos. Esse distanciamento vai aumentando com o passar dos anos. Ao fim e ao cabo, a referência afetiva nucleadora passa a ser da figura materna ou, até mesmo, das avós. Em contrapartida, os pais sentem verdadeiras fraturas em seus sentimentos com a migração.

O trabalho está bom, mas a saudade da mulher e dos filhos é muito forte (...). Distraio conversando com primos e amigos, um pouco, mas eu estou pedindo a Deus para essa safra terminar logo para eu rever minha família. Para esquecer um pouco os pedidos que os

filhos fazem pelo telefone para eu voltar para a casa. Há cinco anos que venho para as colheitas e pretendo fazer deste o último. Eu vivo muito bem com a minha esposa e não posso deixá-la sendo, ao mesmo tempo, pai e mãe dos meus três filhos. Estou mostrando aos meus filhos todo o amor que eu tenho por eles apenas por três a quatro meses do ano, e isso é péssimo para eles e para mim, por isso pretendo a partir deste ano ser um pai completo. Perguntando sobre qual momento do dia é o mais difícil, ele foi direto: Todos são (mas), a melhor hora mesmo será o momento de ir embora. (Depoimento de trabalhador publicado pelo Jornal Primeira Página, São Carlos, 27/08/2000, pg. A 7.)

BACHELARD (1957) ao refletir sobre a importância da casa afirma que ela não é apenas um abrigo material, porém um abrigo das lembranças, dos sonhos e da imaginação.

*Sem ela (a casa), o homem seria um ser disperso. Ela segura o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é corpo e alma. Ela é o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser 'lançado ao mundo' (...), o homem é depositado num berço de uma casa. E sempre, em nossos sonhos, a casa é um grande berço (...Quando sonhamos com a casa natal, na extrema profundidade do sonho, participamos deste primeiro calor desta matéria bem temperada do paraíso material. É neste ambiente que vivem os seres protetores (BACHELARD: 1957, p.26). (Tradução livre da autora).*

No que tange às casas na periferia de Timbiras, onde residem as famílias dos migrantes, a grande maioria delas é de sapé, coberta com folhas da palmeira do babaçu, cuja forma é tal qual foi retratada no desenho. Os quintais das casas são grandes e possuem muitas árvores frutíferas. Em razão dessa cidade se situar na região dos cocais maranhenses, os camponeses, que vivem na área rural, e aqueles que, após a expropriação foram para a “rua”, constroem a casa com materiais extraídos da natureza: barro, madeira e folhas da palmeira, tal como mostra a **foto 4**. Ainda que a casa real seja muito pobre, ela é desenhada segundo a imaginação e os sonhos da criança. Uma análise etnocêntrica poderia considerar essas casas como *barracos*, algo que não corresponde aos relatos e nem aos desenhos. Ao contrário, embora as casas onde os migrantes estão abrigados nas periferias das cidades da região de “Ribeirão” Preto sejam de alvenaria, elas recebem a denominação de barracos, denominação pejorativa.

Foto 4



Timbiras, 2007. Casa construída com folhas da palmeira babaçu. Foto: Maria Moraes

Foto 5

Lugares de destino, espaços fechados e controlados



Guariba, 2007. Foto Maria Moraes

Essas reflexões são ferramentas importantes à análise das representações dos desenhos. Do conjunto dos desenhos coletados em Timbiras, escolhemos os seguintes:

O de Natasha, de oito anos de idade (figuras 1a e 1b). O desenho é colorido com o traçado forte. A criança desenhou sua própria casa na frente da qual há uma árvore com frutos e um vaso com flores; no alto, aparecem as figuras do sol e da lua. O desenho ocupa toda a folha. No verso, ela desenhou seus tios com facões nas mãos cortando algumas canas pintadas de duas cores, amarelo e verde. As figuras dos tios não são pintadas, apenas desenhadas. Nesse desenho não aparecem o ônibus e nem o barraco onde vivem. A expressão dos rostos é de tristeza e os tios estão separados pelas canas. A natureza está ausente, exceto o sol.

Figura 1a



Figura 1b



Em relação aos desenhos coletados em Guariba, selecionamos o de Samira de seis anos, (figuras 2a e 2b). No desenho do Maranhão (figura 2a) aparecem as pessoas da família, porém a casa separa os adultos das crianças. Nota-se que a casa é grande ao contrário daquela de Guariba. A leitura feita pela criança revela que a tia, desenhada na figura 2b, não reside em Guariba e sim no Maranhão. A tia aparece entre a casa e as canas. Observa-se que a casa é muito pequena quase da altura da “tia”. No alto, sol e nuvens.

Figura 2a

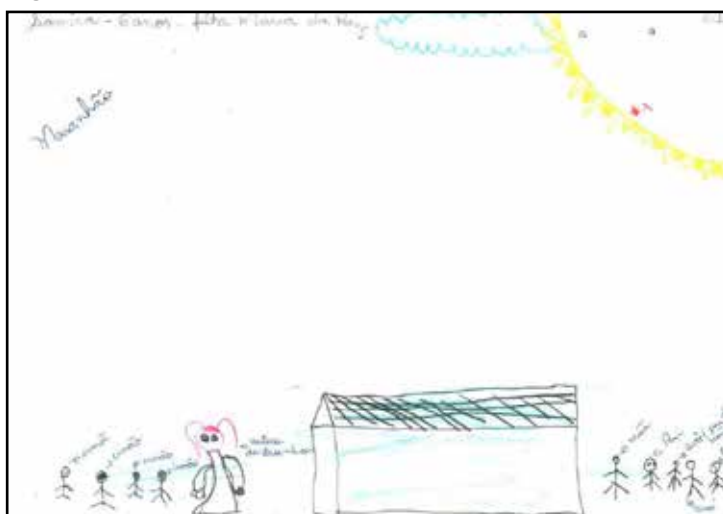


Figura 2b



Retomando as considerações de ELIAS (1990), BENJAMIN (1994) e BACHELARD (1957), acreditamos que as representações das crianças refletem o processo de socialização (civilizatório) marcado pelas consequências da migração dos membros de suas famílias. As idas e vindas, as separações, a perda da condição camponesa, as incertezas diante das dificuldades laborais dos pais, o medo da fome são situações que fazem parte da vida social e psíquica dessas crianças. Aos poucos, vai ocorrendo o processo de modelamento psíquico provocado pelo contexto social. Os sujeitos- crianças vão, paulatinamente, sendo preparados para o enfrentamento das condições sociais e laborais futuras. Reiteramos que este processo não é pacífico, ele envolve conflitos, resistências conscientes e inconscientes. A *figura 2b* representada pelo desenho da “tia” que está virtualmente no mesmo espaço da criança revela que o real e irreal são faces desta mesma realidade. Realidade vivida e imaginada ao mesmo tempo, onde os ausentes se fazem presentes e os separados se unem.

No desenho 3a, a casa de Valdelice aparece no centro e ocupa maior espaço do que a da tia. A árvore e as pessoas, além das nuvens, compõem o cenário. Em contrapartida, o cenário de “Ribeirão” no desenho 3b é representado pela cana, as rodas do ônibus, as cabeças das pessoas pintadas em preto no interior do ônibus e os pés de cana.



Figura 3a

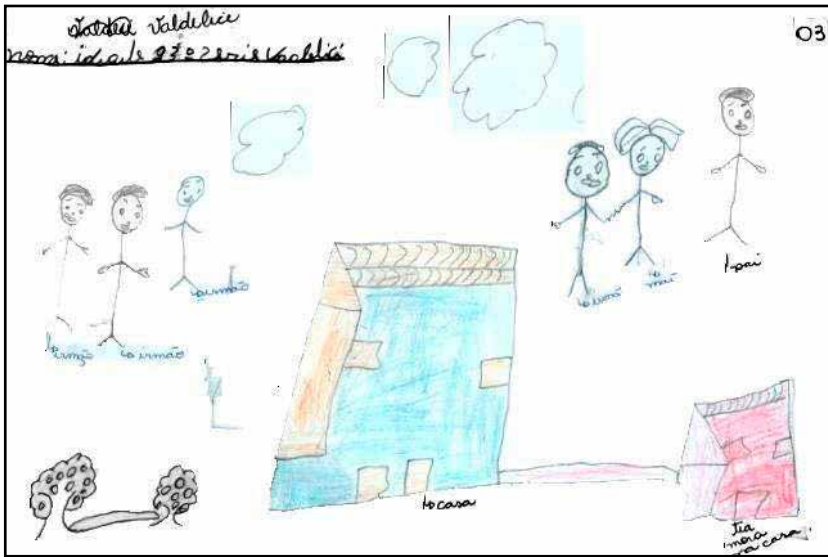
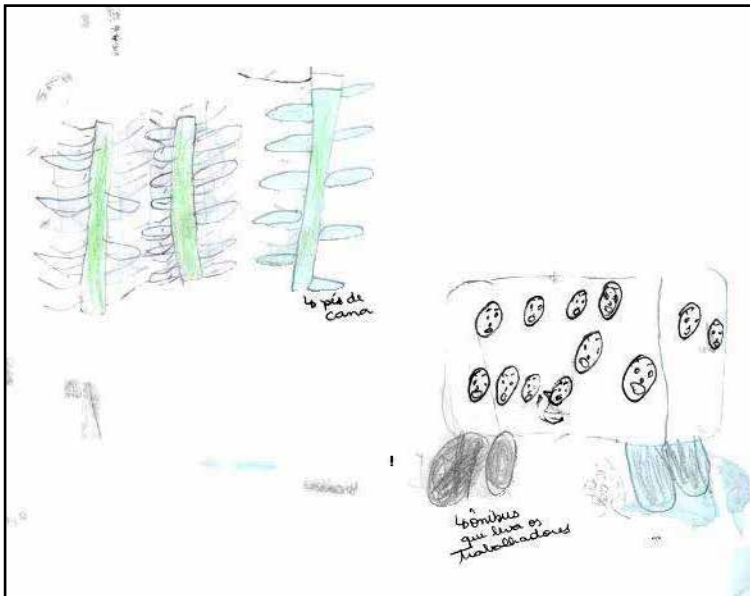


Figura 3b



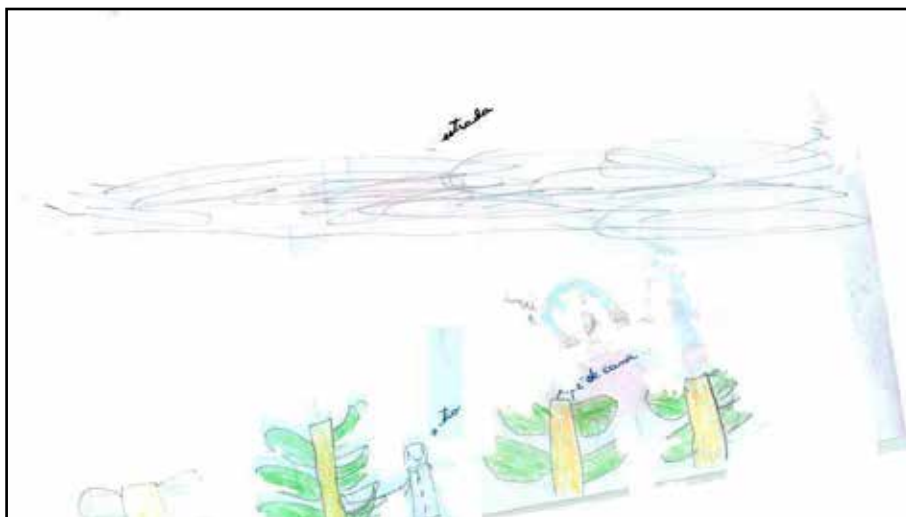


Nas figuras 4a e 4b temos a mesma interpretação dos dois espaços-tempos:

Figura 4a



Figura 4b



No desenho do Maranhão 4a as crianças estão com os braços abertos, parecendo felizes; há um sol risonho. A figura 4b mostra a solidão do tio no meio das fileiras de cana. É interessante observar apenas um dos braços estendidos segurando o facão e a roupa abotoada, o que reflete a pressão e controle, segundo as interpretações psicopedagógicas. A estrada ao fundo também tem o mesmo simbolismo. A cor do asfalto pintada em preto reflete o cotidiano dos trabalhadores transportados em ônibus até o local de trabalho. Não há neste desenho a casa. O espaço é o do trabalho na cana.

A autora do desenho 5 não desenhou “Ribeirão”. Nota-se que há várias casas de membros da família no mesmo espaço, o que demonstra os laços de solidariedade, além das árvores. A avó, a casa da mãe ocupando grande espaço da folha, além da vizinha. Trata-se de um espaço onde as mulheres são maioria.

Figura 5a

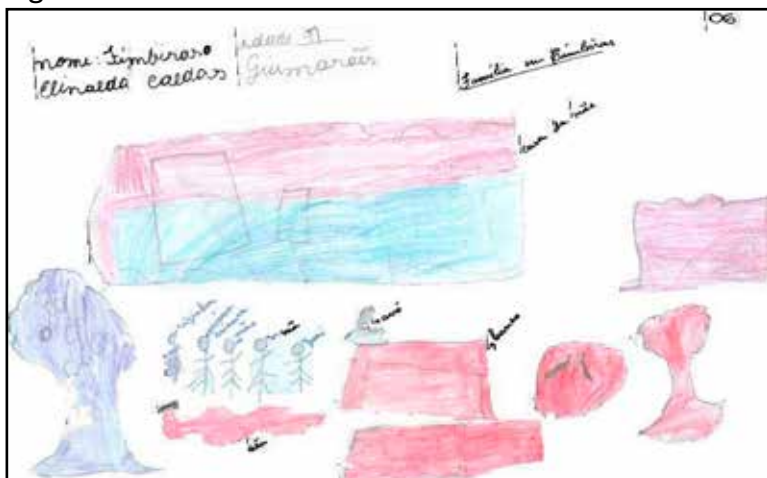


Figura 6a

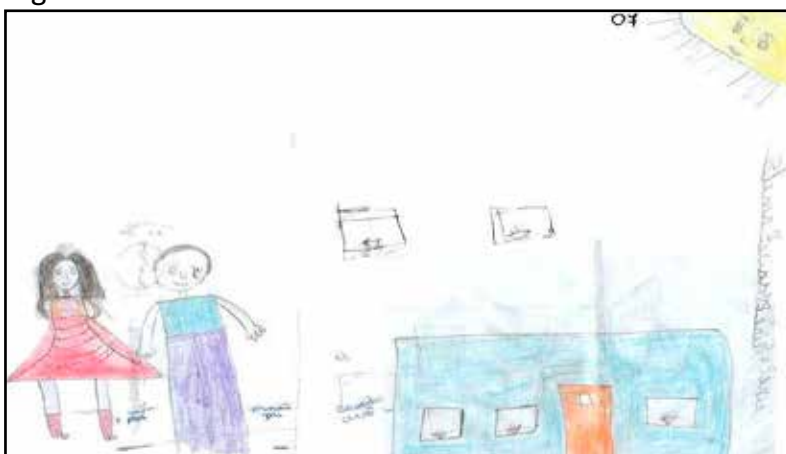


Figura 6b



Os desenhos 6 a e 6 b revelam também as mesmas representações. No Maranhão, além do pai e da mãe, há a casa da avó, que tem uma importância muito grande para as crianças. Elas partilham do cuidado das crianças, principalmente, quando os pais migram. A família é estendida na maioria dos casos analisados, ainda que os membros morem em casas separadas, mas situadas proximamente. São as avós também que transmitem às crianças o saber de várias atividades, dentre elas, a quebra do coco babaçu e a produção do carvão a partir da casca do coco. Desde bem pequenas, as crianças aprendem essas tarefas com as avós, tal como ilustra a **foto 6**.

As avós, com frequência, também são consideradas aquelas que criam, são chamadas de “mães de criação” ou de “madrinhas”. Esses laços familiares reforçam o que Durkheim chamou de solidariedade mecânica, responsável pela coesão, ajuda mútua e trocas materiais e simbólicas. Em virtude de a migração masculina ser preponderante e, em muitos casos, quando as filhas adultas também partem, são as avós que assumem o cuidado das crianças. É interessante remarcar que a figura do avô quase não aparece. As mulheres mais velhas são viúvas ou não sabem dos paradeiros dos maridos que partiram e nunca mais voltaram. Portanto, o trabalho do cuidado é feminino e desempenhado pelas avós, em muitos casos.

Foto 6



Timbiras, 2007. Quebradeira de coco babaçu com a bisneta. Foto: Maria Moraes.

Foto 7



Timbiras, 2007. Queima da casca de coco para o preparo do carvão.  
Atividade desempenhada por uma criança. Foto Maria Moraes

As fotos **6 e 7** mostram duas atividades do cotidiano feminino. Na **foto 6 a** bisavó está quebrando coco tendo ao lado a bisneta de apenas dois anos de idade. Nota-se que a menina segurava um coco com uma das mãos, enquanto na outra retinha um pequeno pedaço de pau com o qual ela desfechava pequenos golpes no coco imitando os gestos da bisavó. A **foto 7** registra a queima da casca de coco, cujo processo, segundo uma menina de apenas 10 anos de idade é assim: faz-se um buraco no chão, colocam-se as cascas de coco cobrindo-as com terra. Por fim, faz-se a cobertura com palhas de milho e ascende o fogo. A cobertura com a terra é para facilitar a liberação do oxigênio e a retenção do carbono, necessário para evitar a queima da casca do coco. É um saber transmitido pelas mulheres às meninas. No caso acima, a menina aprendeu essa prática com a avó.

Os desenhos **7a e 7b** se diferenciam dos demais no que se refere ao espaço de “Ribeirão”. A criança desenhou sua casa e sua família para fora da casa. A casa é grande, aparece uma porta e o telhado foi bem demarcado com traços. As pessoas da família estão todas de mãos dadas, os pais estão na frente da família, as pessoas estão bem vestidas e calçadas. Todas as figuras e a casa foram pintadas com bastante colorido. No verso da folha a criança desenhou os pés de cana do mesmo tamanho e pintados na cor verde; aparece o desenho de um caminhão com um homem dirigindo; o caminhão parece estar carregando cana. O motorista do caminhão e as rodas não foram pintados.

Figura 7a



Figura 7b

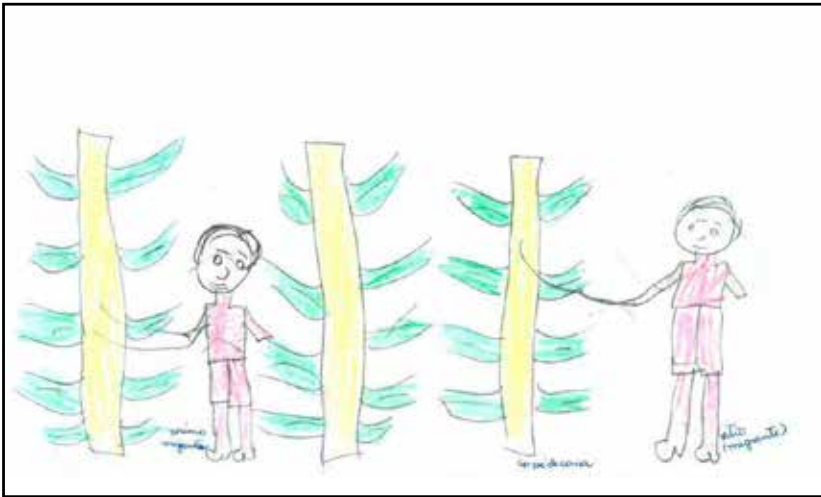


Figura 8a





Figura 8b



Nos desenhos 8a e 8b, a criança desenhou a casa e o jardim em espaços delimitados por um traço azul e grosso. A casa é grande com duas janelas; em uma das janelas há um vaso de flor e na outra, aparecem duas figuras humanas, que foram apagadas, embora a sombra do desenho tenha ficado marcada. O telhado e a porta foram demarcados por traços fortes e pintados na cor preta. Fora da casa é onde aparece a família: os pais e os irmãos, os pais estão debaixo de uma árvore; foram representados em forma de palitos; separando os irmãos da árvore há flores; os irmãos também aparecem representados em forma de palitos; a irmã aparece com os cabelos armados. Ao lado direito da folha foi desenhada uma janela pintada na cor preta e abaixo dela há flores. Todas as pessoas da família não se apoiam no chão, parecem estar voando sobre o solo. No verso da folha a criança desenhou três pés de cana maiores do que as pessoas representadas – o tio e o primo. Eles parecem ter apenas as mãos direitas, ou seja, as que seguram os facões. Eles estão com as fisionomias tristes. É importante observar as vestimentas, a botina e caneleira, além do facão. Os braços esquerdos aparecem sem as respectivas mãos.

Figura 9 a



Figura 9 b



Os desenhos **9a** e **9b** mostram a separação dos membros da família. No interior da casa em Maranhão estão apenas a mãe e o irmão. O pai aparece só no espaço de “Ribeirão”. Não há a presença da cana e nem do ônibus ou da estrada. O pai aparece vestido com a roupa de trabalho com destaque para a bota. Os braços estão abertos. As roupas sugerem um tamanho maior do que o corpo.



Figura 10 a



Figura 10 b

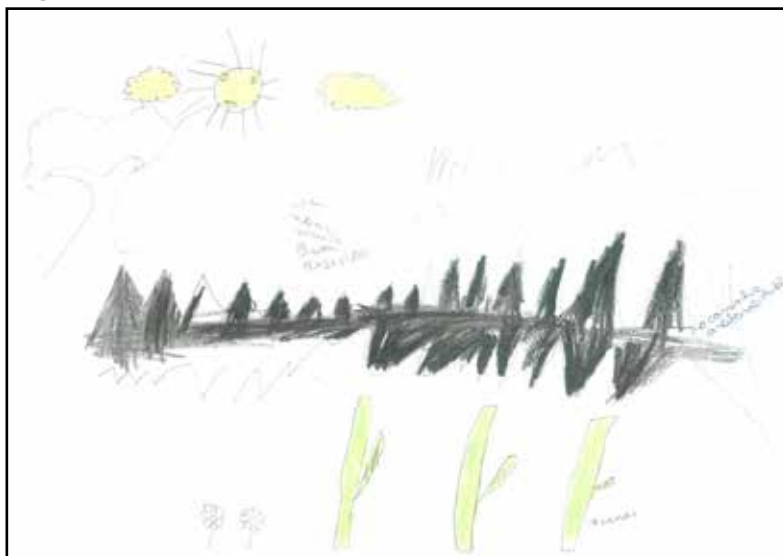


O desenho **10a** mostra a família estendida no Maranhão: os tios e avó, além da família nuclear da criança. No desenho **10b**, o ônibus transportando os trabalhadores, cujas cabeças são vistas, além do corpo do condutor. Há uma mulher fora do ônibus e, em seguida, a casa muito pequena com canas ao fundo. A mulher é uma tia que migrou para lavar a roupa e cozinhar para os trabalhadores.

Figura 11a



Figura 11b



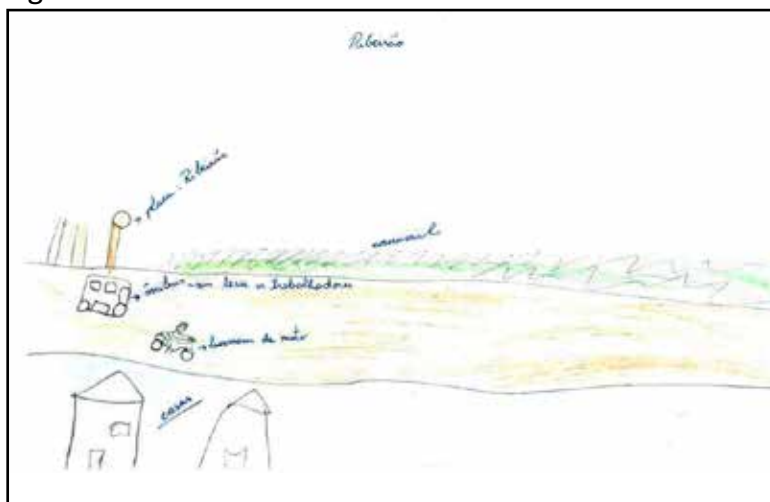
No desenho **11a**, a criança desenhou as pessoas de sua família - mãe, irmã e irmão; a irmã e o irmão estão ao lado da árvore (com morangos); a irmã está com um vestido laranja, seus pés não são desenhados da mesma forma. Os cabelos da irmã são desenhados de maneira mais armada; o irmão aparece com calça e camiseta e seus cabelos estão curtos; a mãe está vestindo saia e blusa; os seus braços estão abertos, os traços do rosto são bem desenhados. O sol está ao lado direito da folha, a fisionomia do sol parece estar triste. No verso da folha,

na parte superior e do lado esquerdo, a figura do sol aparece com fisionomia assustada; ao lado duas nuvens pintadas de amarelo e uma árvore que não foi pintada. No meio da folha, o caminho para Ribeirão Preto foi desenhado de forma pontiaguda e pintado com lápis preto, sugerindo silhuetas, também nas cores pretas; abaixo da folha alguns pés de cana, e ao lado esquerdo dos pés de cana, duas flores sem cores. A criança fez questão de deixar seu recado: “Eu não sei muito bem desenhar”. A criança não desenhou a figura paterna, pois ela não mora com ele.

Figura 12a



Figura 12b



O desenho **12a** mostra a família da criança: os pais, os tios, primos e a avó. No lugar da casa aparece a árvore e o sol está entre nuvens. Há várias cores. A figura da mãe, com saia e camiseta; a figura do pai, com calça e camiseta, a avó e a tia de vestido, os tios parecem estar vestidos de macacões, e, no final da fileira, a tia representada de forma pequena e com cabelos presos, ao lado da árvore. As pessoas não estão em solo firme, todos são representados de braços abertos. Na parte superior da folha as nuvens e o sol com rosto e com raios. No desenho **12b** só há a cor preta. Além do ônibus, a estrada, as canas, há duas casas pequenas e uma moto, meio de transporte que é dominante nos locais de origem dos migrantes. É também um objeto de desejo dos migrantes, sobretudo, dos jovens. No imaginário da criança, a moto compõe a paisagem do contexto migratório. A moto é uma mercadoria que, paulatinamente, foi sendo vista como necessidade, quer seja para suprir as deficiências dos meios de transporte nos locais de origem, quer como objeto de *distinção*, cuja posse representa um sinal de *status* mais elevado nesse meio social no qual vive a criança.

### 3 Considerações finais

O esforço empreendido neste artigo foi no sentido de compreender as vozes das crianças, cujos parentes migram para “Ribeirão”, a partir das representações dos desenhos produzidos por elas. Neste texto, frisa-se, foram contemplados os *migrantes permanentemente temporários*, e não os que migram definitivamente. Entende-se a migração como um processo que envolve os que partem e os que ficam. Portanto, os dois espaços, ainda que separados geograficamente por uma larga distância, acham-se unidos socialmente e temporalmente. Ainda que não haja uma dicotomia entre esses tempos, eles são vividos de formas distintas. Não são homogêneos. Para os que ficam, é o tempo da espera, da angústia e do trabalho na roça, na coleta e quebra do coco babaçu. Para os que partem é o tempo do trabalho duro nos canaviais dos outros, nas terras de negócio, nas palavras do professor José de Souza Martins.

Os desenhos revelam mudanças na estrutura de sentimentos do grupo familiar como um todo, incluindo as crianças. A gestão do trabalho imposta pelas usinas - ratificada pelo *Compromisso Nacional para aperfeiçoar as condições de trabalho nos canaviais*, firmado em 2009, por uma Comissão tripartite, composta por representantes da ÚNICA, dos trabalhadores (FERAESP, CONTAG)<sup>6</sup> e do governo federal - tem como componente principal a extração do mais valor, segundo a lógica capitalista. No entanto, é preciso ir mais além dessa análise meramente econômica. O processo de apropriação também inclui o afeto, as relações subjetivas. Isso não implica dizer que tais famílias sejam consideradas “desestruturadas”. A noção de família estendida se enquadra em outra chave interpretativa, tal como foi apontado no decorrer da análise. Tomou-se o cuidado para evitar as análises de cunho essencialista, priorizando, ao contrário, as particularidades históricas e sociais que envolvem o universo dessas crianças.

Durante a realização da pesquisa, vimos, inúmeras vezes, muitas mulheres e seus filhos, nos “orelhões” (ainda não havia lá os celulares), para telefonarem aos seus respectivos maridos ou parentes ausentes. Algumas delas residiam no “interior”, isto é, na área rural e se locomoviam até a cidade com as crianças a fim de que as mesmas, ao falarem com os pais ao telefone, não esquecessem suas vozes. Essa é uma forma de resistência para manter os laços afetivos familiares.

Segundo o Pacto de livre Adesão do Compromisso Nacional, os trabalhadores migrantes seriam contratados em seus locais de origem e, em seguida, transportados aos locais de trabalho em ônibus das empresas. No final da safra, seriam despedidos e levados de volta aos seus locais de moradia. Portanto, o contrato de trabalho só poderia ocorrer nos locais de origem. Nos locais de destino, seriam levados para os alojamentos nas áreas de cana ou para as casas alugadas pelas usinas nas cidades.

Essa prática impedia, portanto, a vinda das famílias. Caso as mulheres decidissem acompanhar os maridos, haveria que tentar outros meios de contrato de trabalho, geralmente, informais, por meio de redes já estabelecidas durante a experiência migratória. Logo, as formas de gestão do trabalho garantidas pelo Estado consolidam o processo de apropriação do afeto, da separação dos membros da família e, com isso, a mudança da *estrutura de sentimentos*. Tais mudanças se reportam aos significados e valores tal como são vividos e sentidos.

Nas palavras de WILLIAMS (2009)

(são) elementos especificamente afetivos da consciência e das relações e não do sentimento contra o pensamento, senão do pensamento tal como é sentido e o sentimento tal como é pensado; uma consciência prática de tipo presente dentro de uma continuidade vivente e inter-relacionada. Logo, estamos definindo estes elementos como uma estrutura: como uma série com relações internas específicas e, ao mesmo tempo, entrelaçadas e em tensão” (WILLIAMS: 2009, p. 181). (Tradução livre da autora).

O conceito de estruturas de sentimentos proposto pelo autor pode ser uma chave interpretativa importante à sociologia das emoções, mas, sobretudo para a compreensão dos elementos inter-relacionados do pensamento, do sentimento, enfim da prática do vivido e do sentido. Acredita-se que os desenhos das crianças dos cocais maranhenses, localizados no Brasil profundo, que são obrigadas a não conviver com os pais migrantes, trazem luzes às nossas reflexões sobre a difícil travessia do nem cá, nem lá. Crianças que não desenharam suas travessuras, porém suas travessias. Crianças que jamais vieram a “Ribeirão”, mas a sentiam e a imaginavam, desde sempre e de muito longe (...).

No feriado de 7 de setembro de 2007, os cortadores de cana, Francisco e seu colega de turma, combinaram que cada um ganharia R\$ 200 reais só naquele dia. Ambos começaram cortar cana por volta das 7h da manhã, mas Francisco conseguiu trabalhar até às 10h, porque os braços e as pernas “travaram”, ele desmaiou (borrou) e foi descansar no ônibus. Já o seu colega de eito continuou trabalhando até às 3h da tarde, mas quando parou de cortar cana, aproximadamente 26 toneladas, foi direto para o hospital tomar soro, ficando sob cuidados médicos por 3 (três) dias. Segundo o entrevistado, quando a empresa soube que os trabalhadores desmaiavam no eito da cana recomendou aos feitores que os orientassem, em caso de câibras, a descansar dentro do ônibus e que procedessem à distribuição de um tipo de soro, bem como a realização de exames clínicos mais detalhados em todos aqueles que se apresentassem para disputar uma vaga de trabalho na safra. Francisco explica que a câibra é um tipo de contração dolorosa dos músculos, que tira a sua energia, e se continuar trabalhando piora a situação. “O cabra tem de parar de cortar cana mesmo, se não parar, vai direto para o hospital”. Quando pergunto como eles veem as notícias de que trabalhadores estão morrendo no eito da cana, ele responde que toda riqueza dos empresários é feita às custas do sangue dos trabalhadores migrantes. “A gente precisa levantar nossos gritos de dor para que as autoridades nos escutem, para que olhem para esses imensos canaviais onde cortadores de cana morrem a cada dia”. Para os entrevistados, a morte se transformou numa coisa normal e já estão acostumados a acordar e esperar a notícia de que um novo cortador de cana faleceu. “Só que a gente pensa que nunca vai acontecer com você e sempre acontece com outras pessoas. Já mostraram na televisão que morreram vários trabalhadores jovens de 18, 20 e 30 anos. Quando passa na televisão, o pessoal nosso do Maranhão liga para saber se a gente está vivo. A vida é sagrada e vale muito e nós, que somos cortadores de cana, trabalhamos pesado, precisamos que tudo isso seja denunciado, porque a gente não

pode se transformar em bagaço humano da cana”. Para outro entrevistado também de nome Francisco, natural de Timbiras/MA, que está se tratando desde 2005, por ter se ferido em razão da queda ocorrida durante o desembarque do ônibus, e está esperando a aposentadoria por invalidez, o trabalho na cana não tem futuro. Mostrando as mãos calejadas e rachadas com os dedos imobilizados, disse que “seus filhos não vão cortar cana, eles vão estudar, pois quem não tem estudo não tem futuro”. (Excerto do diário de campo de Jadir Damião Ribeiro em 07/09/2007)<sup>7</sup>.

As observações do caderno de campo demonstram, além das condições de trabalho impostas pelas empresas, o desejo latente dos pais de evitar que os filhos sejam cortadores de cana futuramente. Portanto, nos projetos dos pais, os filhos precisam estudar para assegurar o futuro. Se esse desejo se concretizar, obviamente, as crianças maranhenses desenharão suas travessuras, suas brincadeiras, e não mais suas travessias.

## Notas

<sup>1</sup> Os primeiros migrantes maranhenses, em meados dos anos de 1990, destinaram-se para a região de Ribeirão Preto. Nos anos subsequentes, essa migração espalhou-se para outras regiões do estado de São Paulo. No entanto, os locais de destino passaram a ser denominados “Ribeirão”, indistintamente.

<sup>2</sup> No trabalho de coleta e organização das fichas dos desenhos foi fundamental a participação da bolsista de Apoio Técnico (AT) do CNPq, Andréia Peres Appolinário. As crianças pertenciam às primeiras séries do Ensino Fundamental da Escola Municipal José Sarney. O trabalho consistiu em entrevista com a professora responsável, explicando-lhe os objetivos da pesquisa e seus meios operacionais. É preciso dizer que naquele momento, a presença das crianças na escola era por um tempo mínimo, tendo em vista o não recebimento do apoio do estado para a compra de alimentos para o preparo da merenda escolar. Ademais, as carteiras, em sua grande maioria, estavam quebradas.

<sup>3</sup> Uma primeira experiência com o uso da técnica dos desenhos de crianças ocorreu durante uma pesquisa anterior, apoiada pela FAPESP, no ano de 2004. Nessa pesquisa foram coletados desenhos com o tema da família de crianças, filhas de trabalhadores rurais na cidade de Rincão/SP. Os principais referenciais teóricos interpretativos dos desenhos do presente artigo foram, em parte, baseados na pesquisa anterior mencionada (SILVA et al, 2007).

<sup>4</sup> Assim denominada “Lápis de coleção”.

<sup>5</sup> A estimativa da Pastoral dos Migrantes em Timbiras-MA é que mais de sete mil trabalhadores deste município migraram para a região de Ribeirão Preto no ano de 2007.

<sup>6</sup> ÚNICA – União da Indústria de Cana-de-açúcar; FERAESP – Federação dos Eregados Rurais Assalariados do Estado de São Paulo; CONTAG – Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura.

<sup>7</sup>Jadir Damiano Ribeiro foi agente leigo da Pastoral dos Migrantes em Guariba e foi aluno de Iniciação Científica do CNPq, sob a orientação da autora deste artigo.

## Referências

BACHELAR, G. *La poétique de l'espace*. Paris: Presses Universitaire de France, 1957.

BENJAMIN, W. *Charles Baudelaire*. Um lírico no auge do capitalismo. Obras Escolhidas. V. III. 3ª. Edição. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 125.

DEMARTINI, Z. B. F. Infância, pesquisa e relatos orais. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart et al. (Orgs.). *Por uma cultura da infância*. Campinas: Autores associados, 2002, p. 1-18.

ELIAS, N. *O processo civilizacional*. 2ª. V. Lisboa: Dom Quixote, 1990.

FREITAG, B. *Sociedade e consciência. Um estudo piagetiano na favela e na escola*. São Paulo: Cortez, 1984 (Coleção educação contemporânea).



GOBBI, M. Desenho infantil e oralidade. In: FARIA, A. L. G. et al. (Orgs.). **Por uma cultura da infância**. Campinas: Autores associados, 2002, p. 69-92.

GUSMÃO, N. M. M. de. **Terra de pretos, terra de mulheres**. 1ª edição. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 1996.

\_\_\_\_\_. Infância e velhice: desafios da multiculturalidade. In: GUSMÃO, N. M.. M. (Org.). **Infância e velhice**. Campinas: Alínea, p.15-32, 2003.

KOSMINSKY, E. V.. “Aqui é uma árvore. Aqui o sol, a lua. Aqui um montão de guerra”: o uso do desenho infantil na Sociologia. **Cadernos CERU**. Série 2, n. 9, 1998, p. 83-100.

LEITE, M. M.. **Retratos de família**. São Paulo: Edusp/Fapesp. (Texto & Arte, vol. 9), 1993.

MARX, K. **A ideologia alemã**: teses sobre Feurbach. São Paulo: Centauro, 2002.

SILVA, M. A. M. **As Andorinhas. Nem cá. Nem lá**. Vídeo, UNESP/Araraquara, 1991.

\_\_\_\_\_. **Errantes do fim do século**. São Paulo: Unesp, 1999.

\_\_\_\_\_. et al. A família tal como ela é nos desenhos das crianças. **Ruris**, V. 1, N. 1, 2007, p. 105-156.

\_\_\_\_\_. Expropriação da terra, violência e migração: camponeses maranhenses no corte de cana-de-açúcar. **Cadernos CERU**, série 2, v. 19, n. 1, junho de 2008, p. 165-180.

WILLIAMS, R. **Marxismo y literatura**. Buenos Aires: La cuarenta, 2009.

## RESUMO

O objetivo deste artigo é a análise dos desenhos de crianças maranhenses, cujos parentes migravam para o trabalho nos canaviais paulistas. Os desenhos foram coletados no ano de 2007 durante uma pesquisa nos municípios dos cocais maranhenses, Timbiras, Codó, Coroatá, locais de origem da maior parte desses migrantes. Os objetivos gerais da investigação eram a análise dos fatores responsáveis pela migração no contexto do processo de expropriação dos camponeses pelas grandes empresas pecuaristas ali presentes. Em se tratando de uma migração majoritariamente masculina, objetivava-se também estudar a situação experienciada pelas pessoas que ficavam, mormente, as mulheres e as crianças. A metodologia da pesquisa incorporou técnicas qualitativas, por meio da história oral, além de dados quantitativos sobre a estrutura agrária desses municípios e documentos relativos aos processos jurídicos envolvendo os conflitos sobre a apropriação das terras dos camponeses. Outra técnica foi a produção de 51 desenhos de crianças sobre o tema da família e migração. A análise interpretativa dos desenhos revela as representações infantis sobre a migração temporária dos dois mundos, que, embora distantes geograficamente, acham-se unidos pelas mesmas determinações sociais. Os desenhos são as vozes sussurradas das crianças sobre o processo migratório que lhes fora imposto.

**Palavras-chave:** Crianças. Desenhos. Migração

## ABSTRACT

The objective of this article is the analysis of drawings by Maranhão children, whose parents migrated to work in São Paulo sugarcane plantations. The drawings were collected in 2007 during a survey in Cocais Maranhenses cities - Timbiras, Codó, and Coroatá - where most of these migrants come from. The research aimed to analyze the factors responsible for the migration within the context of peasantry expropriation by big companies present there. In the case of a predominantly male migration, the objective was also to study the situation experienced by the people who were mainly women and children. The research methodology incorporated qualitative techniques, through oral history, as well as quantitative data on the agrarian structure of these municipalities and documents related to the legal processes involving conflicts over the appropriation of peasants' lands. Another technique was the production of 51 drawings by children about family and migration. The interpretive analysis of the drawings reveals the children's representations on the temporary migration of the two worlds, which, although geographically distant, are united by the same social determinations. The drawings are the children whispered voices about the migratory process that had been imposed upon them.

**Keywords:** Children. Drawings. Migrations